

Oliveira Lima, leitor de Lima Barreto

Prof. Ms. Júlio César de Oliveira Vellozo (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Resumo:

Oliveira Lima, um dos mais importantes intelectuais brasileiros do início do século XX, foi um leitor atento e apaixonado da obra de Lima Barreto. Este artigo tenta identificar e discutir algumas motivações para este encantamento, partindo de características da personalidade do diplomata pernambucano, da forma como este via a questão racial no Brasil e da resistência de ambos, Lima Barreto e Oliveira Lima, ao processo de modernização que o país vivia no período.

Palavras-chave: Oliveira Lima, Lima Barreto, Pensamento Social Brasileiro, Modernização, Intelectuais.

Em novembro de 1917, Oliveira Lima, intelectual de grande prestígio, escreveu um artigo muito elogioso à obra de Lima Barreto. Este, em carta de agradecimento ao intelectual pernambucano, disse que a crítica o **animara**. É fácil entender a escolha deste termo, considerando o estado de espírito do escritor carioca no período. Lemos em seu *Diário Íntimo*:

[Lembro que] armei um laço numa árvore lá do sítio da ilha [do governador], mas não me sobrou coragem para me atirar no vazio com ele ao pescoço. Neste tempo, eu me acreditava inteligente e era talvez isso que fazia ter medo de dar fim a mim mesmo. Hoje, quando essa triste vontade me vem, já não é o sentimento de minha inteligência que me impede de consumir o ato: é o hábito de viver, é a covardia, é a minha natureza débil e esperançada.

No dia 30 de agosto de 1917, eu ia para a cidade, quando me senti mal. Tinha levado todo o mês a beber, sobretudo parati. Bebedeira sobre bebedeira, declarada ou não. Comendo pouco e dormindo sabe Deus como. Andei porco, imundo. Voltei para casa, muito a contragosto. Deitei-me, vomitei e andava com fluxo de sangue, que me levava à latrina frequentemente. Numa das vezes em que fui, caí e fiquei como morto. Meus irmãos acudiram-me e trouxeram-me a braços (PRADO: 2012, pp.21).

Na crítica que infundira ânimo à alma atormentada do romancista carioca o diplomata pernambucano escrevera, a propósito do romance *A Numa e a Ninfa*:

O senhor Lima Barreto é no romance brasileiro o que Hogarth foi na pintura inglesa. Ambos pintam os ridículos e as faltas da sociedade em que se movem. Ninguém hoje, no Brasil, cultiva o gênero literário do romance com tanto talento e tanta felicidade quanto esse cronista sem rebuços nem artifícios (BARRETO: 1956, pp.37)

O ânimo de Barreto não era despropositado. O elogio de Oliveira Lima, bastante entusiasmado e enfático, não era um tento pequeno para um escritor como Lima Barreto, que não gozava dos favores da crítica em sua época. Para além disso, o forte elogio vinha de alguém com grande

prestígio. Apesar de ter vivido a maior parte da vida no exterior, Oliveira Lima era parte do círculo que se reunia em torno à livraria Garnier, amigo de Machado de Assis e de José Veríssimo, e peça importante nas escolhas da Academia Brasileira de Letras, da qual era membro desde a fundação. Na década de 1910 o prestígio de Oliveira Lima ganhou dimensão internacional. Em 1911 inaugurou em Paris, na Sorbonne, a cadeira de estudos brasileiros, apresentando as doze lições que seriam consolidadas no livro *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* (LIMA:2002). Em 1912 fez uma série de conferências na Universidade de Stanford, na Califórnia, e logo depois uma espécie de turnê por onze grandes universidades norte-americanas, a convite do professor Casper Branner, onde também apresentou palestras sobre a história luso-brasileira. Entre 1915 e 1916 dirigiu a cadeira de História da América do Sul na Universidade de Harvard.

É ocioso dizer que este tipo de reconhecimento internacional tinha grande efeito sobre os círculos intelectuais brasileiros, sempre muito influenciados pelas opiniões emanadas dos grandes centros.

É possível flagrar este tipo de posição privilegiada que Oliveira Lima detinha no campo intelectual através de escritos do próprio Lima Barreto, que, diga-se, não nutria pelo pernambucano grande simpatia. Duas anotações em seu *Diário Íntimo* nos mostram tanto o reconhecimento do peso que o diplomata tinha, quanto a postura refratária do romancista em relação a ele. Em seu diário Lima Barreto anota no dia 20 de abril de 1914:

“quanto estou muito aborrecido, mando o meu irmão comprar livros e devoro-os. (...) comprei o Oliveira Lima, Dom João VI. É uma história laboriosa, minuciosa, em que falta nervo, pitoresco, sentimento de tempo, mais diplomática do que outra coisa, embora se fale muito mal dos diplomatas(...) (PRADO: 2012, pp 30.)”.

Aparentemente Oliveira Lima aborreceu ainda mais Lima Barreto...

Em outro trecho do *Diário Íntimo*, são as opiniões deterministas, evolucionistas, expressadas por Oliveira Lima na primeira fase de sua trajetória que são alvo de críticas:

Diz que as misturas entre as raças são um vício social, uma praga e não sei que coisa feia mais. Tudo isso se diz em nome da ciência e a coberto da autoridade dos sábios alemães. Oh! A ciência! Eu era menino, tinha aquela idade, andava no meio dos preparatórios quando li, na Revista Brasileira, os esconjuros, os seus anátemas...Falavam as autorizadas penas do senhor Domício da Gama e Oliveira Lima....Eles me encheram de medo (PRADO: 2012, pp.15)

Entretanto, se Lima Barreto não admirava a obra de Oliveira Lima a recíproca realmente não era verdadeira – o diplomata pernambucano, conservador, aristocrático e algo elitista - era um verdadeiro (e relativamente isolado) apaixonado pela obra do Lima Barreto. Tratava-se, claramente, de um caso de amor literário não correspondido.

Em pelo menos duas ocasiões Oliveira Lima ao afirmar o talento de Lima Barreto, colocou-o, morto Machado de Assis, na condição de principal romancista de seu tempo. Ao defender Lima não poupou nem mesmo o aclamado (até mesmo por Lima Barreto) Graça Aranha de *Canaã*. Falando do *Triste Fim de Policarpo Quaresma* afirmava Lima:

O triste fim do major quaresma, coroando uma triste vida, constitui o entrecho de uma novela à qual a imprensa do país não fez ainda a devida justiça, porventura pela simples razão de ser a imprensa quem menos lê. Já lhe basta, dirá ela, ter que fornecer o que ler. Entretanto nessa imprensa houve, há quinze anos passados, mais de um crítico que saudasse como uma revolução genial o aparição de Canaã. O que dizer então do romance do Sr. Lima Barreto, que lhe é em todo sentido cem vezes superior? Querem prova? Qual dos tipos desenhados pelo Sr. Graça Aranha perdurará na memória dos intelectuais, como acontece com o Acácio de Eça, o Damaso, o poeta Alencar? (...)

Entretanto o major Quaresma viverá na tradição, como um Dom Quixote nacional.

Ambos são tipos de otimistas incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terapêuticas, que é a aplicação da justiça da qual um e outro se tornaram paladinos. Um levou sovas por querer proteger os fracos; outro foi fuzilado por querer na sua bondade salvar inocentes. Visionários ambos: assim tratou o marechal de ferro o seu amigo Quaresma e trataria Dom Quixote, se houvesse lido Cervantes.

O romance do sr. Lima Barreto se não alvoroçou a imprensa impressionou fortemente quantos o leram. É um grande livro (...). A única pecha que o tenho ouvido culpar não me parece absolutamente justa. Refere-se à linguagem, ou melhor ao estilo, julgado menos cuidado e por vezes incorreto, por ser a linguagem simples e propositalmente desataviada. Por idêntico motivo era Eça de Queiroz no começo taxado de escrever mal. O sr. Lima procura felizmente não escrever bonito: antes, mil vezes antes, singelo, familiar mesmo, do que pernóstico.

Nos tipos femininos, Ismênia e Olga sobretudo, a delicadeza do desenho é notável, lembrando algumas das criações de Machado de Assis. Nada de certas cenas do Canaã, dignas de um gabinete de parteira. Em Policarpo Quaresma predomina o sentimento: banha o livro um sopro de compaixão, uma vibração misteriosa de piedade (...). É preciso romentar até O Mulato para se lhe encontrar termo de comparação. Talvez mesmo mais longe, as Memórias de um sargento de Milícias, porque em Aluizio Azevedo era forte a preocupação da escola naturalista e sensível a influencia de Zola e de Eça de Queiroz, ao passo que o Sr. Lima Barreto, como Manuel de Almeida, se contenta, sem esforços de originalidade, em ser ele próprio. (O Estado de São Paulo, 23 de novembro de 1917)

É bastante interessante, e este trabalho visa jogar alguma luz sobre isso, pensar o que na literatura de Lima Barreto foi capaz de arrebatá-lo com tanta força o sentimento de Oliveira Lima. Compreender a relação que o diplomata estabeleceu com o obra do romancista talvez sirva para iluminarmos um pouco da forma como dois personagens tão distintos reagiram à modernização. Exploraremos, para isso, dois aspectos da trajetória de Lima. Sua postura combativa, algo quixotesca, e sua relação com o tema das raças.

Oliveira Lima: quixotismo aristocrático

Oliveira Lima nasceu em Recife, em 1867, em uma família rica de Pernambuco. Filho de um comerciante português e da herdeira de um engenho de cana de açúcar, teve condições privilegiadas de vida e de estudo desde a infância. Suas ligações com a visão de mundo da aristocracia da terra de Pernambuco nunca deixariam de se fazer sentir em sua obra.

Estudou em Portugal e, ao contrário da grande maioria dos filhos da elite seus contemporâneos, que se formavam em direito, medicina ou engenharia, Lima formou-se na Faculdade de Letras de Lisboa. O curso feito pelo futuro autor de Dom João VI no Brasil contava com grandes intelectuais portugueses como professores, como Theófilo Braga, Jaime Muniz e Consiglieri Pedroso. As duas ênfases principais dos estudos eram a história e a literatura.

Logo, por indicação familiar, entrou no serviço diplomático brasileiro, onde fez carreira e tornou-se figura muito respeitada. Sua trajetória no Itamaraty é decisiva para compreendermos a vida a obra do autor. Esta combinou o sucesso de uma carreira algo meteórica com uma série de polemicas violentas, que marcaram profundamente a trajetória de Lima.

Em 1903, depois de ser deslocado a contragosto para o Japão, Lima entrou em conflito aberto com o Barão do Rio Branco, que assumira o ministério e que queria que ele cumprisse missão no Peru, onde o Brasil necessitava firmar acordos de fronteira.

Lima reagiu com violência à tentativa do Barão. Primeiro impondo resistências de todo tipo à sua ida. Depois publicando um série de artigos onde propunha uma reforma da diplomacia brasileira,

em uma postura de desafio aberto à autoridade de seu superior.

O confronto com o Barão marca uma inflexão na trajetória de Lima. Se até aquele momento sua ambição fundamental era voltada para a carreira diplomática e sua obra de historiador era instrumento para isso, a partir daquele confronto feito a peito aberto isso se modificou. Oliveira Lima inverteu os termos da equação, agora sua busca fundamental passava a ser a de ocupar um espaço decisivo no campo intelectual brasileiro como historiador e a atividade diplomática é que passava a ocupar o espaço de subsidiária.

Este tipo de posicionamento é fácil de ser compreendido se considerarmos que as atividades de historiador e diplomata se relacionam bastante. Um bom diplomata há de ter conhecimentos em história, já que boa parte de seu trabalho, especialmente num período como o de Lima, quando os estados nacionais e suas fronteiras estavam em disputa, é defender pontos de vista baseados em documentos. Ao mesmo tempo, a atividade de diplomata possibilita o acesso à arquivos estrangeiros e mesmo os vagares necessários à atividade de historiador. O número de historiadores diplomatas que o Brasil conheceu e conhece – Varnhagen, Alberto da Costa e Silva, Evaldo Cabral de Mello – talvez seja bom demonstrador desta realidade.

Esta inflexão é importante, porque aqui Oliveira Lima abre outra frente de luta, desta vez em combate às interpretações que negavam a importância da colonização ibérica e buscavam, assim, reforçar o papel do poder republicano como o inaugurador da história nacional. Lima valorizava o papel dos portugueses especialmente em suas obras publicadas a partir de *Dom João VI no Brasil*. Isso levava-o a assumir uma posição crítica, no campo da diplomacia, às tentativas de substituir os velhos laços do país com a Europa com novos laços com os Estados Unidos. Por conta desta posição, Oliveira Lima compraria um segundo combate aberto, desta vez contra o seu grande amigo e protetor no Itamaraty, Joaquim Nabuco.

Nas páginas dos jornais Lima atacou a aproximação do Brasil com os Estados Unidos e os termos da Conferência Panamericana que se desenvolveria no Rio de Janeiro e que significaria, em sua opinião, a transformação do Brasil e dos demais países da América Latina em protetorados dos Estados Unidos.

Aqui podemos encontrar um primeiro cruzamento de opiniões entre Lima Barreto e Oliveira Lima. Ao entrar em choque com os que consideravam os Estados Unidos e sua modernização como o caminho, o intelectual pernambucano passa atacar os valores utilitaristas do país do norte e o tipo de caminho que a modernização empreendida por eles havia escolhido. Oliveira Lima, em uma chave aristocrática que seria comum a outros intelectuais latino-americanos, passa a ver a modernização à la EUA como um caminho de apequenamento intelectual, de substituição de velhas relações afetivas e humanas por um primado do egoísmo e do dinheiro. Ou seja, mesmo que partindo de prisma diferente, Oliveira Lima sente um mal estar em relação à modernização, a rejeita, a considera vulgar, preocupada demais com os valores materiais, e mimética em relação aos Estados Unidos.

Este tipo de rejeição ao arrivismo, ao primado do dinheiro, mesmo se desenvolvendo em uma chave aristocrática, tem pontos de contato evidentes com o sentimento expresso por Lima Barreto. Partido de lugares diferentes, refletindo interesses de setores sociais absolutamente distintos, o diplomata e o escritor se encontravam em uma rejeição à República nascente marcada pela assunção ao poder de uma classe de argentários mal formados, ignorantes.

O custo da luta contra Joaquim Nabuco foi altíssimo para Oliveira Lima, tanto do ponto de vista da carreira quanto do ponto de vista pessoal. Tratava-se de romper com o seu grande amigo, promotor e defensor no Itamaraty. Entretanto, ele o fez...quixotesca. Como uma espécie de Policarpo, que botava tudo em risco em nome de uma ideia.

Mais tarde, outro combate, igualmente imprudente, colocaria fim à carreira diplomática de Oliveira Lima. Se nos primeiros anos do século XX o principal amigo e interlocutor de Lima era Joaquim Nabuco, a partir da década de 1910 este papel passaria a ser ocupado por Rui Barbosa. Entretanto, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, a posição do jurista baiano de defesa da entrada do Brasil

na guerra ao lado dos aliados levou Lima a romper violentamente com este. O intelectual pernambucano defendia que o Brasil permanecesse neutro e não encontrava motivos para o que considerava uma germanofobia sem sentido. A história se repetia e mais uma vez, quixotesicamente, Oliveira Lima queimava os navios de modo radical e rompia com toda uma série de interlocutores e amigos, dentre eles o mais importante e influente, Rui Barbosa.

Mas o preço seria ainda mais alto do que este. Em função de seu posicionamento, quando já era a principal figura da diplomacia brasileira, Oliveira Lima deixou de ser indicado para a embaixada em Londres por conta de suas posições. Mais grave do que isso, mais tarde, seria declarado *persona non grata* na Inglaterra e teria sua entrada no país proibida.

Nossa hipótese, que já deve estar bastante evidente a esta altura, é de que Oliveira Lima, mesmo tão diferente em sua origem social, hábitos, opiniões, por cima dos ombros de uma burguesia modernizadora e arrivista, identificou-se com Lima Barreto, especialmente através de seu personagem Policarpo Quaresma.

O racismo

Assim como uma série de outros pensadores sociais do mesmo período a obra de Oliveira Lima pagou um importante tributo às concepções deterministas e evolucionistas. Especialmente (mas não só) em suas primeiras obras, o racismo científico tem um peso importante.

Entretanto, quando Oliveira Lima se voltou para os estudos da história nacional de modo mais decidido, fundamentalmente a partir do primeiro enfrentamento contra o Barão do Rio Branco em 1903, o racismo científico que havia na obra do autor e que havia sido registrado em livros como *Nos Estados Unidos, Impressões Políticas e Sociais*, começou a se enfraquecer.

Já no seu livro *No Japão, impressões da terra e da gente*, isso se desenharia, com o autor afirmando a superioridade dos japoneses sobre os europeus em variados aspectos, o que era estranho às visões do racismo científico que, ao estabelecer a hierarquia das raças, jamais poderia ponderar as coisas desta maneira.

Fora isso, a partir de sua vivência no Japão, Oliveira Lima passa acreditar na possibilidade de uma modernização que não nos obrigasse a partilhar o mesmo caminho da Europa ou dos Estados Unidos. O país do oriente havia conseguido se modernizar sem abrir mão de suas características, de suas tradições – ao contrário, havia baseado-se nelas para promovê-la. Para além disso, o que é mais importante para a economia deste trabalho, os japoneses que haviam erigido a cultura que impressionou tanto Lima, eram uma raça considerada inferior pelo racismo científico.

Lima, ao nosso ver profundamente influenciado pelo choque cultural que sofrera no Japão, passa a ver o passado brasileiro, e o povo que este formou não como um obstáculo, mas como o pressuposto para uma modernização. Ao contrário da visão mimética que encontramos na obra de outros autores ele sustenta a partir deste momento uma modernização que não significasse abrir mão do passado e do legado português. Lentamente esta visão foi se transformando em uma ideia mais acabada, que mais tarde ganharia força e contornos mais modernos e definidos na obra de seu discípulo Gilberto Freyre. Os portugueses haviam construído um tipo de colonização diferente, mais harmônica, mais integradora, apesar de violenta. E mais, o Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, havia construído uma melhor alternativa para tratar a questão da presença negra em território nacional:

Desde que, segundo etnólogos, as raças puras são um erro à luz da história, devendo nós então considerar Gobineau, o apologista da raça branca um filósofo devaneador, devemos admitir que a solução ibero-americana, isto é, a da fusão das raças, é a mais promissora, mais benéfica e, especialmente, mais humana do que a separação ou segregação praticada nos Estados Unidos (LIMA:1923, pp.23)

Aqui é interessante abriremos um espaço, darmos uma deixa, para entrada em cena de Lima Barreto. Poucos meses depois do elogio marcante do diplomata recebido pelo romancista, Barreto escreveu uma carta à Oliveira Lima, na qual a questão racial aparece com força. Num tom que guardava uma censura latente e irônica escreveu Lima Barreto:

Meu caro senhor doutor Oliveira Lima:

Muita saúde (...)

Acabo de ler o seu artigo no ABC. Ele me suscitou dúvidas que, sem ter a pretensão de que o senhor me esclareça, me julgo, contudo, obrigado a submetê-las ao seu esclarecido espírito.

Roosevelt, diz o senhor, botaria Booker Washington, a pontapés, para fora de casa, se este lhe pedisse a filha em casamento.

Previno ao senhor que não tenho nenhuma pretensão junto à filha do senhor Roosevelt ou de outro indivíduo mais ou menos semelhante ao senhor Teodoro.

A minha intenção era perguntar-lhe, ao senhor, mais esclarecido e inteligente do que eu, mais culto e mais viajado do que eu, conhecendo bem a evolução das ideias e a sua transformação em sentimentos, a ditar atos quase automáticos – seu eu, home de cor, mulato, etc, etc, posso e devo concorrer de alguma forma par reforçar a influencia ou o predomínio no Brasil dos Estados Unidos (LIMA:1956, p. 38-39)

Oliveira Lima sentiu o golpe e respondeu:

Respondo a sua carta de 29 de junho e muito estimo que me tenha escrito formulando sua pergunta, porque bem sabe o apreço em que o tenho. Penso que me faz a justiça de crer que não tenho preconceitos estúpidos de cor, que aliás não são brasileiros. Nas minhas conferencias (que andam publicadas em português, inglês e espanhol) disse nas universidades americanas que a solução portuguesa dada ao problema das raças era a verdadeira e não a americana.

No artigo a que o senhor se refere coloco-me simplesmente no ponto de vista deles e ajunto que, sabendo nós disso, o não deveria estranhar.

O Brasil foi sempre, socialmente, uma democracia, que a política quer converter em Oligarquia, mas não o logrará porque a resistência é por assim dizer automática e aí temos, e anda bem, para fortalece-la a inundação maximalista...(LIMA:1956, p. 38-39)

Oliveira Lima, ao abandonar a diplomacia, colocou-se a tarefa de pensar a nacionalidade brasileira, ser um interprete de seu desenvolvimento. Como parte deste esforço ele precisou pensar a questão racial, e o fez de modo agônico, expressando posições contraditórias, mas em um desenvolvimento que demonstra um ponto de partido baseado no racismo científico e um ponto de chegada que apresenta os primeiros rudimentos do que seria a idealização freyriana.

Neste caminho agônico esteve a figura de Lima Barreto, tão impactante para ele. Nos parece possível arriscar que a enorme admiração que a literatura de Barreto exercia sobre ele, a identificação que ele construiu com o personagem Policarpo, foram produto e produtoras deste dolorido caminho interpretativo.

Talvez a fortíssima admiração que Oliveira Lima tinha por Lima Barreto tenha ajudado-o a perceber que a modernização brasileira podia ser levada à bom termo baseada na inteligência de seus negros

e mulatos.

Tanto Oliveira Lima quanto Lima Barreto terminaram sua vida de certa maneira derrotados. É conhecido o final de Lima Barreto, que morreu pobre e sem receber o reconhecimento merecido. Lima morreria reconhecido intelectualmente, mas magoado por ter perdido todas as batalhas intelectuais nas quais havia entrado. Em uma saída melancólica e algo teatral pediu que fosse enterrado na cidade onde morresse e que seu túmulo não tivesse o seu nome, mas a inscrição “aqui jaz um amigo dos livros”, no que foi atendido. Seu corpo está enterrado segundo essas instruções em Washington DC, Estados Unidos. A placa com os dizeres foi enviada de Pernambuco.

Bibliografia

BARRETO, Lima. *Lima Barreto: Obra Completa*. Volume XVII. Correspondência Ativa e Passiva. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1956, p. 38-39.

LIMA, Oliveira. *Aspectos da História e da Cultura do Brasil*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1923

LIMA, Oliveira. *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*. São Paulo: Publifolha, 2002

PRADO. Antonio Arnoni (org.) *Lima Barreto: uma autobiografia literária*. São Paulo: Editora 34, 2012.